"Porta voz do bolsonarismo"?

Segundo Rui Costa Pimenta, o bolsonarismo está caminhando para dominar a política brasileira. E ele está apenas expondo a realidade.

No report da semana passada, destacamos como Rui Costa Pimenta, presidente do PCO, divergiu da mídia convencional e afirmou que, ao invés de uma suposta vitória do centrão, as eleições de 2024 foram, na verdade, uma grande conquista para o bolsonarismo.

Nessa semana, Pimenta seguiu expondo sua tese, deixando bem claro que o resultado para a esquerda foi "catastrófico" e que existe uma nova configuração política no Brasil, país que, segundo ele, se divide hoje em três grupos: bolsonarismo, esquerda e um "parabolsonarismo" (o entorno do bolsonarismo), já que o "centrão" está repleto de bolsonaristas.

A situação se agrava ainda mais, segundo Pimenta, quando se considera que o PT até aumentou seu número de prefeituras, mas em "vilarejos" de 20 mil habitantes, enquanto a "extrema-direita" foi a força que mais cresceu e é o grupo político mais coerente hoje em dia.

Também segundo o presidente do PCO, os dirigentes do PT estão "vivendo em um mundo que não corresponde à realidade" e erram ao tentar camuflar a derrota. Para Pimenta, cantar vitória em todas as situações, além ser de falso, desorienta a própria militância esquerdista.

Ele ainda deixou claro que, ao denunciar ao criticar o PT quando aumenta impostos e sinaliza cortar ainda mais gastos sociais, ele é acusado de ser "porta voz" do bolsonarismo.

Rui também se disse claramente contra a agenda neoliberal de Haddad e contra as posições de Lula na ONU, que classifica os palestinos como terroristas e faz de tudo para reformar a carta da ONU, a fim de que a organização transnacional construída em terreno dos Rockefeller ganhe cada vez mais proeminência no mundo atual.

É curioso perceber essa aproximação de Lula com organizações transnacionais liberais, especialmente quando se leva em conta a análise que Pepe Escobar fez essa semana, na preparação para a cúpula dos BRICS na Rússia, que segundo ele é o "evento geopolítico mais importante do século XXI".

Provavelmente o maior destaque da sua análise é apontar a importância da busca pelo estabelecimento de um sistema de pagamentos alternativos ao sistema de Bretton Woods, conferência que estabeleceu o sistema monetário que conhecemos hoje e que garantiu o dólar como moeda de troca internacional.

- **RUI COSTA:** não existe mais o centro político.
- **PEPE ESCOBAR:** o Brasil não está participando da discussão sobre o futuro dos BRICS (e da ordem mundial).

Escobar relatou várias reuniões entre os ministros de finanças de cada um dos países membros do bloco, na tentativa de encontrar um denominador comum e um sistema monetário que acabe com o poderio americano - o que se de fato acontecer, como já demonstrado no programa *Geoeconomia*, pode facilmente provocar uma nova guerra mundial.

Curioso, entretanto, é que enquanto poderia participar ativamente da construção de um mundo "multipolar e multimodal", o Brasil, segundo o próprio Escobar, não envia nem mesmo altos funcionários do governo para as reuniões dos ministros de finanças do BRICS. E, segundo Pepe, a explicação se encontra dentro do próprio Brasil.

Nesse contexto, as posições de Escobar e Pimenta ficam ainda mais claras quando, em uma breve análise da semana, percebemos que Lula e seu governo, mais uma vez, trabalham incessantemente para atender aos interesses da agenda liberal, já que Haddad - a quem Rui Costa se opõe abertamente - segundo a imprensa, conseguiu uma grande vitória ao levar seus amigos banqueiros para se encontrarem presencialmente com Lula.

A pauta, segundo os jornais, foi a conjuntura econômica e o crescente processo de financeirização da economia - mas não do modo como o BRICS está discutindo, claro. Ao que parece, Lula deixou de lado a Eurásia e o "Sul Global" e decidiu discutir o futuro do país com André Esteves e companhia.

Não é à toa que Rui Costa Pimenta, um comunista raiz, critica tanto Lula. Na hora da bola dividida, o petista fica sempre com os banqueiros, com as organizações transnacionais e com os wokes liberais. ✓